

## IMAGENS NA ORALIDADE<sup>1</sup>

Ângela Paiva DIONISIO<sup>2</sup>

- **RESUMO:** Este artigo analisa a construção de imagens em seqüências descritivas produzidas em interações face a face por falantes analfabetos. Tomando por base o conceito de *imagem* apresentado por Palmer (1996) e o de *seqüências descritivas* proposto por Adam (1993), investiga-se como as construções lingüísticas evocam imagens mentais e como os falantes traduzem a construção de tais imagens em escolhas lexicais. Na construção do texto descritivo, a escolha lexical constitui um aspecto basilar na construção de imagens. Constatou-se que as construções lingüísticas repercutem as estruturas conceptuais que são ativadas concomitantemente em dimensões variadas, pois o conhecimento lingüístico, nos níveis gramatical, lexical e fonológico, deixa transparecer as influências culturais e expressa a visão de mundo do usuário.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Oralidade; imagens; descrição.

### Introdução

Ao falarmos, não nos utilizamos apenas de uma diversidade de linguagens, mas colocamos em conexão *indivíduos, linguagens, cultura e sociedade*. A cultura, a história pessoal do indivíduo e a sociedade na qual está inserido estruturam as imagens produzidas pelos interlocutores. Pensar como as imagens regem as construções gramaticais, como as palavras evocam imagens mentais, como os olhos da nossa mente concebem as imagens captadas pela audição, como traduzimos mentalmente as imagens percebidas pelos nossos olhos ou ainda como as emoções geram imagens no

---

<sup>1</sup> Este artigo retoma com algumas modificações um dos capítulos da tese *Imagens na oralidade*, defendida em abril de 1998, sob a orientação da Profa. Dra. Judith C. Hoffnagel, no Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Foi, parcialmente, apresentado na 7th International Cognitive Linguistics Conference, de 22 a 27 de julho de 2001, na Universidade da Califórnia (Santa Bárbara, USA).

<sup>2</sup> Departamento de Letras – UFPE – 50670-901 – Recife – PE – Brasil. E-mail: angela\_dionisio@uol.com.br.

processo de interação face a face, parece ser do interesse do linguísta que deseja estudar os enunciados lingüísticos em relação às suas condições de produção. As construções lingüísticas, portanto, evocam imagens e provocam a construção de novas imagens no processamento do discurso oral. Afirmar que a descrição cria uma imagem do ser descrito seria constatar o óbvio, no entanto dedicarei este trabalho ao processamento das imagens nas ações descritivas, procurando destacar como a seqüência descritiva favorece a elaboração de imagens em interações face a face. As imagens são definidas, neste trabalho, como "representações mentais que começam como análogos conceptuais da experiência perceptual imediata oriunda dos órgãos sensoriais periféricos. Como as imagens são análogos da experiência periférica, elas também são, portanto, análogos conceituais indiretos do ambiente, amplamente construído para incluir sociedade, fenômenos naturais, nossos próprios corpos e seus processos orgânicos (e mentais), e todo o resto do que é freqüentemente chamado de *realidade* ou *o mundo lá fora*" (PALMER, 1996, p.47).

Neste trabalho, são investigadas as imagens da terra e das moradias, dos moradores e dos visitantes e as da cultura material, tomando como referências teóricas Palmer (1996) e Adam (1993). Procurei, a partir da seqüência prototípica da descrição apresentada por Adam, observar as relações entre o uso e a compreensão dos recursos lingüísticos e não lingüísticos e o conhecimento enciclopédico dos interlocutores na significação das imagens e, conseqüentemente, no entendimento da interação. O *corpus* analisado se compõe de conversas informais e entrevistas<sup>3</sup> realizadas com os moradores (adultos e idosos) da comunidade semi-isolada, negra e analfabeta, de Pedra d'Água, que se situa na região do Piemonte da Borborema, zona do Agreste paraibano, a cerca de 35 km de Campina Grande. Os dados foram coletados entre abril de 1989 e julho de 1991, numa perspectiva etnográfica. Foram realizadas sete visitas à comunidade com a variação de permanência de um a cinco dias consecutivos. Os informantes selecionados para este trabalho estão na faixa etária entre 35 e 97 anos. Todos são analfabetos, exceto M02 que pode ser classificada como uma leitora funcional, na terminologia de Perini (1991, p.79).

3 Na transcrição dos dados, procurei seguir as normas prescritas pelo projeto Nurc e por Marcuschi (1993), mas inseri algumas outras normas em função dos objetivos da pesquisa:

- a) ... → pausas em geral, pois não foram cronometradas após um segundo;
- b) [ ] → sobreposições;
- c) : ou :: → dois-pontos (repetidos ou não) sinalizam o alongamento de vogais, dependendo da duração;
- d) ( ) → contêm os segmentos ininteligíveis;
- e) / → truncamentos, isto é, cortes numa unidade lingüística;
- f) **MAIÚSCULAS** → marcam os segmentos produzidos com ênfase;
- g) ( ( ) ) → contêm os comentários da transcritora;
- h) **H ou M + N°** → indicam o sexo dos informantes e o número que receberam no *corpus*;
- i) **P01** → pesquisadora na área de Lingüística (UFPE);
- j) **P02** → pesquisadora na área de Sociologia Rural (UFPB);
- l) " " → marcam os diálogos proferidos no *corpus*;
- m) \* → marca os trechos de fala com imitação de traços prosódicos;
- n) **negrito** → destaca os termos descritos ou definidos;
- o) *italico* → destaca as seqüências descritivas ou definidoras.

## Considerações acerca do texto descritivo

Dentro da tipologia textual tradicional, a descrição sempre esteve atrelada à narrativa, numa posição de “escrava sempre necessária, mas sempre submissa, jamais emancipada”, como definiu Genette (1996 apud MARQUESI, 1996, p.45). Com o desenvolvimento dos estudos sobre a narrativa, alguns pesquisadores começaram a perceber e a investigar particularidades no processo de construção e de compreensão das descrições (HAMON, 1981; ADAM; PETITJEAN, 1982a, 1982b). Somando-se a estes estudos, os adventos da Linguística Textual, encontram-se no âmbito nacional os trabalhos de Neis (1986), Koch e Fávero (1987) e Marquesi (1996), assegurando à descrição o *status* de texto. Todos esses estudos tiveram como foco de análise o texto escrito. Para Hamon (1981, p.40),

um sistema descritivo é um jogo de equivalência hierarquizada: equivalência entre uma denominação (uma palavra) e uma expansão (um conjunto de palavras justapostas em lista, ou coordenadas e subordinadas em um texto)...

Dessa forma, a existência do sistema descritivo, segundo Hamon (1981, apud MARQUESI, 1996, p.53), caracteriza-se como “um processo de pôr em equivalência uma denominação com uma expansão, apelando ao leitor para uma competência de saber”. Essa competência de saber abrange as competências lexical, enciclopédica e taxionômica dos interlocutores. Adam e Petitjean (1982a apud MARQUESI, 1996, p.94) avançam na definição de competência textual descritiva, conceituando-a como “um saber-fazer-textual-comunicativo do homem”. Há uma competição de competências na construção da descrição, pois a área circunscrita de uma descrição, que depende do acervo lexical do autor/falante, compete com a do leitor/ouvinte e não essencialmente com a natureza do objeto descrito. A construção de imagens se dá mediante essa competição de competências, visto que os envolvidos na interação irão formulando e reformulando as imagens em processamento, a partir das sugestões dadas pelo descritor, do surgimento de novos detalhes, do conhecimento prévio de cada interlocutor, entre outros fatores.

Em “Contribuição a uma tipologia textual”, Koch e Fávero (1987, p.5-6), com base em esquemas conceituais-cognitivos, estabelecem três dimensões interdependentes como básicas à comparação/diferenciação de textos. De acordo com essas dimensões, as autoras caracterizam o texto descritivo:

a) dimensão pragmática:

- i) macroato: asserção de enunciados de estado/situação;
- ii) atitude comunicativa: mundo narrado ou mundo comentado;
- iii) atualizações em situações comunicativas: caracterização de personagens (física e/ou psicológica) e do espaço (paisagens e ambientes) em narrativas; guias turísticos, verbetes de enciclopédias, resenhas de jogos, relatos de experiências ou pesquisas, reportagens etc.

b) dimensão esquemática global:

- i) superestrutura descritiva: ordenação espaço-temporal (tabularidade predominante) e apresentação das qualidades e elementos componentes do ser descrito;
- ii) categorias: palavra de entrada (tema-título): denominação, definição, expansão e/ou divisão.

c) dimensão lingüística de superfície:

- i) marcas: verbos predominantemente de estado, situação ou indicadores de propriedades, atitudes, qualidades; unidade do estoque lexical assegurada pelo tema-título; relações de inclusão (hiperonímia-hiponímia); nexos ou articuladores relacionados à situação do objeto-tema e de suas partes no espaço; adjetivação abundante; parataxe; tempos verbais (presente no comentário, imperfeito no relato); emprego de figuras (metáforas, metonímias, comparações, sinestésias etc.).

Recorre-se, neste trabalho, a aspectos estruturais e formais do texto descritivo com a finalidade maior de investigar as microestruturas empregadas pelos falantes, quando da construção do sentido, especificamente através do uso de imagens. Por isso, faz-se necessário investigar as atividades de negociação e de condução da interação, pois como salienta Marcuschi (1997, p.26) "o texto enquanto um fenômeno empírico global ... é um fato social consolidado nas práticas diárias".

### **A seqüência descritiva prototípica e suas macrooperações**

A seqüência prototípica da descrição proposta por Adam (1993) compreende um tema-título (*thème-titre*) e quatro macrooperações, que são: (a) procedimento de ancoragem (*procédure d'ancrage*), (b) procedimento de aspectualização (*procédure d'aspectualisation*), (c) procedimento do estabelecimento das relações (*procédure de mise en relation*) e (d) procedimento de encadeamento pela subtematização (*procédure d'enchâssement par sous-thématisation*). São operações de base tanto de produção quanto de compreensão do processo descritivo.

#### **a. Procedimento de ancoragem: ancoragem (*ancrage*), afetação (*affectation*) e reformulação (*reformulation*)**

Pela operação de ancoragem – apoio referencial – a seqüência descritiva assinala um tema-título, quer desde o início, *quem/o que vai ser a questão* (o apoio propriamente dito), quer no final da seqüência, *quem/o que acaba de ser a questão* (afetação), ou ainda, combinando essas duas maneiras, retoma modificando o "tema-título" inicial (reformulação). A operação de ancoragem é responsável pela evidência de um todo do tema-título.

O termo *tema-título* equivale, na literatura pesquisada, aos termos *denominação* (HAMON, 1981), *palavra de entrada* (KOCH; FÁVERO, 1987) e *designação* (MARQUESI, 1996). O tema-título é um fator de coesão semântica referencial, isto é, recai sobre ele a focalização do sistema descritivo. Adam (1993, p.89, grifo nosso) destaca que:

é provavelmente a existência desta operação geral de ancoragem que leva M. Riffaterre a dizer, em relação ao *sistema descritivo*, que ele *parece com uma definição de dicionário* e o considera como "um canal verbal fixado que se organiza em torno de uma palavra central".

### **b. Procedimento de aspectualização**

A operação de aspectualização é responsável pela fragmentação em partes do tema-título, considerando as qualidades ou propriedades do todo (cor, dimensão/tamanho, forma, número etc.), as propriedades das partes focalizadas. É, portanto, a operação mais comumente admitida como base da descrição. Adam (1993, p.89) lembra que a descrição é formalmente definida como uma "espécie de exposição de diversos aspectos pelos quais podemos considerar uma coisa que conhecemos em parte devido a esta descrição". Destaca, no entanto, que a mera listagem de aspectos de um determinado objeto consiste no grau zero da descrição, pois não se levam em conta qualidades e propriedades do referido objeto.

Dessa forma, faz-se necessário observar que é a relação de complementaridade existente entre as partes selecionadas para serem descritas e a escolha das propriedades que permitem ao descritor estabelecer uma orientação avaliativa (argumentativa) de toda descrição.

Os adjetivos selecionados podem ser relativamente neutros: dizer de uma bola que ela é redonda ou amarela, por exemplo, não inclui a posição ou opinião do descritor. Dizer de um personagem que ele é casado ou solteiro também não. Por outro lado, qualificá-lo de grande ou pequeno, de bonito ou feio, magro ou esbelto, subentende-se uma escolha que revela a existência de uma escala de valores sobre o qual o descritor escolheu apoiar-se. Tais adjetivos avaliativos, que implicam um julgamento de valor ético ou estético e revelam, portanto, uma responsabilidade enunciativa (*formas que se juntam ao dito*), são chamados axiológicos. (ADAM, 1993, p.91)

Como afirmam Koch e Fávero (1987, p.9),

num *continuum* argumentativo, podem-se localizar textos dotados de maior ou de menor argumentatividade, a qual, porém, não é jamais inexistente ... na descrição, selecionam-se os aspectos a serem apresentados de acordo com os objetivos que se têm em mente...

### **c. Procedimento de estabelecimento das relações**

O procedimento das relações diz respeito à operação de assimilação, que pode ser comparativa e/ou metafórica. Enquanto o procedimento de *ancoragem* identifica o

*todo* que constitui o tema-título, o de *aspectualização* apresenta uma classificação de elementos desse *todo* ou de *partes desse todo* a ser descrita, o procedimento das *relações* estabelece as relações (comparativas, metonímicas, metafóricas) entre essas propriedades do objeto e outra propriedade àquelas associada.

#### **d. Procedimento de encadeamento pela subtematização**

Adam (1993, p.93) caracteriza o procedimento de encadeamento pela subtematização como “a fonte de expansão descritiva”, uma vez que faz o encadeamento de uma seqüência em outra. Em outras palavras, “uma parte selecionada na aspectualização pode ser escolhida como base de uma nova seqüência, tomada como um novo tema-título e considerada sob diferentes aspectos: propriedades eventuais e subpartes”. É importante salientar que é este aspecto de hierarquização restrita entre as seqüências que distingue a lista-enumerativa da descrição, pois esta se caracteriza “como um tipo de seqüencialidade regida por diversas operações” (ADAM, 1993, p.94-5). Apresentarei um exemplo para ilustrar essas operações:

##### **(01)**

473. H09 **Severino** *falava muito pouco*  
 474. H03 *num era falava muito pouco*  
 475. H09 *moco*  
 476. H03 *era mo:co*  
 477. M03 *era moco mermo*  
 478. H03 *era mo:co ... tinha que gritá ... chamava ele de Zebu (( H9 sorrir )) ah: dona*  
 479. *Sinhá mermo dona Sinhá só chamava ele de Zebu ... dona Sinhá diga a*  
 480. *Zebu que venha cá... aí : batia lá*  
 481. P01 *por que **Zebu**?*  
 482. H03 *dona Sinhá gostava dele demais*  
 483. M03 *porque ele era munto forte*  
 484. H03 *porque ele era muito forte*  
 485. P01 *sim*  
 486. H03 *muito forte ... forte e disposto ... dona Sinhá gostava muito dele que ele*  
 487. *trabaiava muito a dona Sinhá ... trabaiô muito ... era forte e disposto o vei*  
 488. M03 *era o vei ... teu pai ... quando o finado ( ) morreu ali na grota de pescoço*  
 489. *quebrado [... tu se alembra*  
 490. H03 *[foi:*  
 491. H03 *me alembro ...*  
 492. M03 *Antoin ?*  
 493. H03 *meu irmão ... e:|le*  
 494. M03 *[ele tirô de dento da grota e jogô [...*  
 495. H03 *[jogô nas costas |e trouxe pra cá*  
 496. M03 *[nas costas e*  
 497. *trouxe sozin ... foi ( )*

As predicções arroladas para o tema-título (**Severino**) pelos três interlocutores permitem que sejam operacionalizados os quatro procedimentos acima apresentados. Observa-se que, ao ser mencionado o pai de um dos interlocutores, H09 apresenta ao tema-título (**procedimento de ancoragem**), duas predicções – “*falava muito pouco*” e “*moco*”, traços comportamental e físico (**procedimento de aspectualização**). Outra informação dada sobre o tema-título é o apelido que lhe foi atribuído pela bisavó de P01: “Zebu” (**procedimento das relações**). Ao se solicitar o porquê do apelido, dois falantes se alternam na explicação dos traços positivos que o apelido respalda. Registra-se uma expansão descritiva, pois a definição do tema-título “Zebu” se encontra inserida numa seqüência maior, na qual o termo “Zebu” representava apenas um predicado do tema-título “Severino” (**procedimento de encadeamento pela subtematização**). Há uma orientação avaliativa no processo de descrição, pois numa escala de valores somam-se predicados positivos na justificativa do apelido, culminando com a narração de um episódio vivido pelo personagem em foco, salientando-lhe a força e a coragem, como se constata nas linhas 488 a 497.

## **Imagens da vida na comunidade de Pedra d'Água**

Entre os aspectos relacionados à vida na e da comunidade, irei abordar os fragmentos que revelam imagens relacionadas (a) aos aspectos físicos, tais como limites das terras, aspectos geográficos, distribuição e condições físicas das casas, e (b) aos moradores e visitantes. Esse enfoque se respalda na tentativa de construir com o desenrolar das análises uma *imagem da comunidade e de seus habitantes* através do próprio discurso dos pedradaguenses. É óbvio que não se pode esquecer que a presença das pesquisadoras, indivíduos urbanos, letrados e brancos e, portanto, de cultura um pouco diferenciada, é fato significativo na construção desses discursos. Mas como já afirmou Koch (1997, p.1),

o sentido de um texto, qualquer que seja a situação comunicativa, não depende tão-somente da estrutura textual em si mesma. Visto que não podem existir textos totalmente explícitos, o produtor de um texto precisa proceder ao “balanceamento” do que necessita ser explicitado textualmente e do que pode permanecer implícito, por ser recuperável via inferenciação ... Na verdade, é este o grande segredo do locutor competente.

## **Aspectos físicos da comunidade: a imagem da terra e das moradias**

Em determinados momentos das conversas entre nós pesquisadoras e os moradores de Pedra d'Água, quer por solicitação nossa, uma vez que buscávamos compreender a dimensão das terras da comunidade bem como os limites existentes nos lotes familiares, quer por iniciativa dos próprios informantes, foram elaborados “mapas”. No processo de elaboração desses mapas, salientavam-se as convenções sobre as for-

mas de representar aspectos do terreno, ou seja, semanticamente eram a nós pesquisadoras apresentados os marcos que interligavam as linhas imaginárias que circulam as áreas descritas. A criação de mapas requer elementos semânticos e pragmáticos que norteiam a sua produção e leitura. A conceptualização espacial é fundamental para a cognição humana. As variações culturais na conceptualização do espaço e as marcas linguísticas de codificação são responsáveis pelas imagens de mapas que nos são oferecidas pelos informantes. Os mapas construídos pelos habitantes da comunidade são mapas orais, cujas convenções obedecem a princípios pragmáticos que não nos são familiares, levando-nos a leituras diferentes, ou seja, a imagens diferentes, às vezes, imprecisas daquelas construídas pelos moradores quanto ao espaço da comunidade. No exemplo (02), um dos bisnetos do fundador – H02 – demarca a área das terras de Pedra d'Água.

**(02)**

038. H02 é... o Mané Palo era o herdeiro dessa terra aqui [era Mané Palu ah sim... era compade  
 039. P02 [ai ele tinha essa terra todinha?  
 040. H02 Mané Palu sim tinha *essa Pedra d'Água* passa aí... ali... ali... ali até divisa...  
 041. passa ali assobe... vai acolá em cima daquela casinha que tem lá em  
 042. cima...[pra em cima uma coisinha a divisa...[é dos Xunga...  
 043. P02 [sim [hum  
 044. H02 pra lá é dos Xunga e passa lá o naquela casa que tem da... da casa de de comade  
 045. Jandira... pra lá tem uma casa... passa pá cá mai e assobe ali [é uns doze quadro  
 046. P02 [hum  
 047. H02 por aí ((o informante movimenta os braços aleatoriamente para direita e esquerda))  
 048. P02 e era tudo de Paulo?  
 049. H02 era... era desse véi que dexô...[tinha uma casa de farinha da casa de Jandira pá lá...  
 050. P02 [sim  
 051. H02 tinha uma casa de farinha ... antiga... antiga... hum tá com mais de cem ano ... tá com  
 052. mais de cem ano

Ao se referir à comunidade, H02 emprega o dêitico “*essa Pedra d'Água*” (linha 040), para distinguir da outra Pedra d'Água vizinha e habitada por famílias brancas, como, por exemplo, a família dos Xunga (linha 042). O fato de serem descendentes de Manuel Paulo Grande, critério fundamental na formação e manutenção da comunidade enquanto grupo étnico, faz do território da comunidade um todo indivisível. As fronteiras de um grupo étnico devem ser sociais e territoriais, pois a territorialidade reforça a indivisibilidade do grupo, na medida em que “funciona como fator de identificação, defesa e poder” (ALMEIDA, 1988, p.43). De acordo com o depoimento do informante, a área da comunidade com “doze quadros por aí”, ou seja, cerca de 36,3 h, possui as seguintes divisórias:

*essa Pedra d'Água*

*passa aí... ali... ali... ali até divisa...*

*passa ali assobe...*

*vai acolá em cima daquela casinha que tem lá em cima*



(04)

497. P01 como é mermo? **de onde é a terra do senhô e pra onde é?**
498. H05 *tá veno aquele ((aponta para vários coqueiros ao seu lado direito)) esse pé de coco*
499. *que tem ali?*
500. P01 *esse grande? [esse maior? ((aponta para o mais alto))*
501. H05 [hum? ... sim esse maió [... esse junto do pequeninim lá ... é do maió
502. P01 [sim tô vendo
503. H05 *pra CÁ é meu [...] pra lá*
504. P01 [sim]
505. H05 *((aponta para frente)) aqui [... nessa nessa mandioquinha que tem aí nessa roça ... tá*
506. P01 [do lado esquerdo?
507. H05 veno?
508. P01 sei
509. H05 *já é de Zito ... aqui é ( ( )*
510. P01 [mas e o / então a sua divisa pra CÁ ((do lado esquerdo)) é
511. *aonde? da mandio/ desse pé de bananera perto da mandioca pra cá?*
512. H05 *é ... sim ... pra cá ... muito bem mermo no acero do pé da mandioca dali pra cá é meu*

O informante H05 continua a demarcar a área de suas terras (exemplo 05), motivado pela solicitação de P01 ("e aí do lado?"), linha 517. Para H05 "só serve se amostará", ou seja, a construção do mapa de seu terreno requer a colocação do interlocutor (ouvinte) numa posição em que este possa visualizar as referências que lhe são dadas.

(05)

517. P01 [e **aí de lado?**
- (...)
523. H05 *sabe aonde?*
525. P01 uhum
526. H05 *num tá veno essas duas casa? ((apontando para duas casas localizadas no alto atrás da*
527. *casa de H05)) essas duas casa é minha*
528. P01 *ah sim ... essa roça aí também? ((apontando para um plantio de mandioca atrás da casa*
529. *de H05))*
530. H05 *é: sim ... essa roçazinha todinha é minha*
531. P01 *e vai até aonde? até lá em ci:mão? ((aponta para o alto da serra))*
532. H05 *vai intê: a senhora já andô porali já?*
533. P01 já
534. H05 *e já? intê a portera? é lá*
535. P01 *quando eu vim da casa de tia Nova ... eu descí porai ... [um dia*

continuação

(05)

536. H05 [desceu mermo não ... é  
537. H05 mermo mermo ... apoi tem uma portera lá  
538. P01 é  
539. H05 é de lá pra cá o finá [... o finá ... o finá é daquele pé de coco pra cá ... o pé de manga  
540. P01 [é grande  
541. H05 vai lá um pouco ((fala virando-se para a parte mais baixa do terreno))  
542. P01 do pé de manga?  
543. H05 pra cá ... NÃO [... inda vai mais lá  
544. P01 |sim

Ao falar sobre as moradias na comunidade, no que se refere à distribuição espacial das casas e às condições físicas, os informantes salientam as dificuldades inerentes a uma população carente do interior nordestino. As condições de moradia estão associadas diretamente ao passado e ao presente da vida dos moradores da comunidade. Em (06), o discurso parece ter sido norteado pela linha de tempo da vida do informante. O tema-título "**casa**" registra a evolução da construção das casas na comunidade, o que permite a identificação de três casas diferentes, isto é, a subtematização mantém o mesmo item lexical, mas são atribuídos a este características diversas que possibilitam a elaboração de três imagens particulares, que são a imagem **da melhor** casa da comunidade na época da infância dos informantes; a imagem **da maioria** das casas da comunidade e a imagem da evolução **de uma** casa de taipa a tijolo.

(06)

231. P01 o senhô tava dizendo ainda agora que: aqui antigamente só tinha casa ... só tinha  
232. **casa** de taipa né ? a **casa** melhor era [de:  
233. H03 [era de Zé Firmino meu tii ... era de taipa  
234. coberta de teia tapadinha de barro ... era a casa melhô que tinha ... aqui ... o resto  
235. tudo era... **casa** acabada ... **essa** aqui mermo era uma **casa** de taipa ali assim ((aponta  
236. em direção ao antigo lugar))  
237. M03 era  
238. H03 era ... [ali assim ((ainda indicando o local))  
239. M03 [a casa de meu pai [era  
240. H03 [era ali assim [... ela dali arrancô botô pali ((aponta  
241. P02 [tudo de taipa?  
242. H03 vagamente para a lateral direita da casa de M06, local onde ocorria a conversa))  
243. com a frente ali pra baxo [...] ali pra cima ... dali arrancô fei essa daqui ... ai  
244. M03 [isto]  
245. H03 passô a tijolo [... aí :  
246. H09 [já foi quano os fii pegaru i pu Ri ?  
247. M03 foi foi  
248. H03 já quano pegaru i pu Ri ... ai foi fazeno um foi fazeno ôto e foi fazeno uma fazeno ôta

As três imagens das casas são a da **melhor casa**, a das **outras casas** e a da **casa em que ocorre a conversa**. Essas imagens são construídas num processo de comparação entre uma parte (a melhor casa) e o todo (as outras casas) e durante esse processo o informante focaliza uma casa (aquela em que se encontra no momento da interação) para exemplificar a transformação. Os aspectos destacados em cada uma delas são:

a) a melhor **casa**:

*de Zé Firmino meu tii  
era de taipa  
coberta de teia  
tapadinha de barro  
era a casa melhó que tinha ... aqui*

b) as outras **casas**:

*tudo era casa acabada*

c) a **casa** em que ocorre a conversa:

*era de taipa ali assim ((aponta em direção ao antigo lugar))  
a casa de meu pai era  
ele dali arrancô botô pali ((aponta vagamente para a lateral direita da casa  
de M06, local onde  
ocorria a conversa))  
com a frente ali pra baixo  
dali arrancô fei essa daqui  
aí passô a tijolo*

As duas primeiras variações do tema-título **casa** representam, simultaneamente, uma parte do todo, ou seja, a melhor casa do conjunto das residências da comunidade e representam, em confronto com a melhor casa, todas as demais casas, qualificadas como “*acabadas*”, através do procedimento da aspectualização. Já a terceira menção à **casa** se dá como uma exemplificação do processo de transformação das casas de taipa, isto é, de *casas acabadas* em *casas de tijolos*, ou seja, *casas melhores*. A transformação das casas de taipa em casas de tijolo está relacionada com a imigração da população masculina para o Rio de Janeiro na década de 1940, como afirma H03 “*quano pegaru i pu Ri ... aí foi fazeno um foi fazeno ôto e foi fazeno uma fazeno ôta...*”. As viagens de ida e volta ao Rio de Janeiro visavam buscar trabalho no período do verão e trazer para a comunidade recursos para uma vida melhor, como, por exemplo, morar em casas de tijolo. A continuação do exemplo (06) nos mostra as dificuldades para a construção de duas casas, uma para o pai do informante e outra para o próprio informante, visto que exigiram dele várias viagens ao Rio de Janeiro. As várias idas e voltas ao Rio de Janeiro são assinaladas por H03 com as repetições das expressões adverbiais “*pá lá e pá cá*” (linhas 252-253) e “*na vida do Ri*” (linha 257). Constroem-se, portanto, imagens que deixam transparecer a dinamicidade do movimento do ir e vir: Pedra d’Água–Rio de Janeiro–Pedra d’Água.

[continuação do exemplo (06)]

249. ôto ... aí meu pai fei uma praque: eu com dezessete pá dezoito ano arresovi afazê  
250. ... fi ... bati o tijolo fui embora pu Ri ... cheguei no Ri empeleitei pra entregá ela  
251. coberta ... o caba empeleitô pu oitenta mirei ... pá dá coberta eu dano os materiá ...  
252. mandei o vei passá pá dento ... o vei passô pá dento eu fiquei nessa agonia aí ... pá  
253. lá e pra cá pá lá e pra cá pá lá e pra cá ... e eu sei que terminô quano foi em quarenta  
254. ... foi quarenta e oito eu resolvi a me casá ... aí vim ... fii uma casa pra mim ... ele  
255. queria deixá a minha ... "não fiquei na sua" ... ( ) "o senhô vai morrê nessa aí que vô  
256. fazê uma pra mim" ... aí fi uma em quarenta e oito lá mai pá trai pá dento das grota  
257. ... e fiquei na vida do Ri ... na vida do Ri na vida do Ri na vida do Ri ... e tal ... fui

As repetições ("eu fiquei nessa agonia aí ... pá lá e pra cá pá lá e pra cá pá lá e pra cá" e "e fiquei na vida do Ri ... na vida do Ri na vida do Ri na vida do Ri ...") constituem recursos retóricos, pois servem para criar "o 'foregrounding' de uma idéia, que pode servir para torná-la persuasiva, ainda que sem nenhum suporte lógico" (KOCH, 1997, p.97). Traduzem efeitos icônicos, na medida em que deixam transparecer a intensidade com que o informante se deslocava da comunidade ao Rio de Janeiro e vice-versa, isto é, a continuidade com que praticava tal ação. A expressão "pra lá e pra cá", por sua vez, é uma fórmula estereotipada que representa movimentação de um lugar a outro, em nossa língua. Koch (1997), seguindo Tannen (1987), diz que "a tendência universal humana para imitar e repetir" revela que

a emoção está intimamente associada ao familiar, àquilo que se repete ... Gostamos de repetir provérbios, frases feitas, trechos de canções famosas, slogans políticos ou publicitários, palavras, expressões ou enunciados inteiros que são constantemente pronunciados por artistas de TV. Além disso, existe a "sacralização" das fórmulas estereotípicas rituais que a sociedade exige sejam repetidas de forma idêntica nas mesmas situações, com sanções maiores ou menores para os casos de transgressão. (p.93-4)

A repetição contribui, portanto, para a construção de imagens.

Ao falar sobre a melhor época para se viver, H03 assegura que o tempo presente é melhor que antigamente e como argumento para sua asserção recorre às condições da casa em que morava quando criança, focalizando os temas-título *cama* e *casa*. Este último tema-título é colocado em confronto entre o passado remoto (informante na fase infantil) e o presente (tempo de realização do discurso – 1991 – informante na fase idosa), como se observa em (07):

(07)

182. P01 e o senhô ainda acha que esse é o tempo melhó?  
183. H03 é o tempo melhó ... ainda é melhó do que antigamente  
184. P01 por quê?  
185. H03 por que antigamente eu: eu nasci e me criei dormino numa **cama numa paia no chão**

continuação

(7)

186. ... era numa cama numa paia no chão [ .... ] a **casa** de paia veno as estrela todinha
187. H9 [era]
188. P01 veno as estrelas ((sorrir))
189. H03 e depois desse tempo ruim a minha casa é de tijolo

Mais uma vez o termo **casa** se torna tema-título e é empregado como argumento para comprovar a pobreza existente na comunidade, atrelada, nesse exemplo, às condições da mobília: a *cama* era “*uma paia no chão*”. Da casa, ressalta-se a precariedade do telhado, coberta de palha “*veno as estrela todinha*”. A melhoria do tempo presente, ou seja, o *hoje*, está simbolizada na expressão: “*minha casa é de tijolo*”. O passado remoto (época em que o informante era criança) é descrito como “*antigamente, tempo ruim*”, enquanto a marca do tempo presente (época que abrange a fase adulta e a velhice do informante) se encontra simbolizada na posse de uma casa de tijolo.

## Moradores e visitantes da comunidade

Procurarei, neste item, abordar um aspecto bastante significativo na organização da comunidade, na qualidade de grupo étnico: somando-se à descendência de um mesmo ancestral – Manuel Paulo Grande –, a cor permite aos moradores de Pedra d'Água se reconhecerem como “comunidade negra”. Essa identificação ganha maior ênfase quando são vítimas do estigma da cor, já que muitas vezes são proibidos de participar de (ou não são bem-vindos em) festas realizadas nas comunidades circunvizinhas. Em trabalho anterior (DIONISIO, 1992, p.25-6), afirmei que a negritude possui dois aspectos distintos na formação da comunidade. Por um lado, a negritude assegura aos moradores o direito à terra ao procurarem se casar entre os próprios parentes ou com pessoas dos locais circunvizinhos desde que sejam negros, reforçando o controle do lote familiar, reproduzindo e mantendo a estrutura social da comunidade. Por outro, a negritude do grupo reflete o estigma sofrido pelos negros em nossa sociedade<sup>4</sup>. O termo “estigma” está aqui empregado na concepção de Goffman (1988, p.13-5):

referência a um atributo profundamente depreciativo ... um estigma é então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo ... Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano ... Construimos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que

4 Não cabe, neste trabalho, discutir as causas do preconceito racial em nosso país, mas gostaria de mencionar um comentário de Azevedo (1987, p.48-9): os negros foram preservados como “exemplos de resistência e heroísmo, de dignidade e de coragem. Mas também ... preservado com cicatrizes que desfiguram a percepção integral do valor do eu ” ... Das consequências da escravatura não temos dúvida de que, pior que a pobreza, a miséria, o analfabetismo, a marginalização e a doença, é ... a perda da autovisão de valor. ... Sem reconhecer-se fruto histórico de uma marginalização perversa, o negro assumiu ‘o seu lugar’ no mundo dominado pelos brancos”.

ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social.

No caso da comunidade de Pedra d'Água,

o peso do estigma vem à tona nos contatos interétnicos, segundo os informantes, em três situações específicas: nas relações matrimoniais, nas realizações de festas em locais vizinhos e também na escolha do santo protetor da comunidade. Até 1991, apenas dois casamentos foram realizados intereticamente, ou seja, dois rapazes negros da comunidade casaram-se com moças brancas das localidades vizinhas. Isto ocorreu há cerca de 10 anos e não foi aceito com naturalidade pela família dos brancos. (DIONISIO, 1992, p.28)

O exemplo (08) é uma narrativa em que a informante fala sobre a postura do pai da noiva branca diante do casamento da filha com um rapaz negro da comunidade.

(8)

434. P02 o povo aqui gosta de falá de de discuti sobre a questão da discriminação racial? do  
435. preconceito racial que existe contra o negro?
436. M02 ((com o tom da voz e a cabeça baixos)) gosta ... as vei discute assim... sobre a raça  
negra cum a branca
437. P02 hum ... aí se reünem e discutem?
438. M02 é:... otro dia veio um padre aí na igreja... lá em cima naquela igreja... o pade o  
439. padre disse assim: que lá tudo é branco naquela igreja... *uns branco fe:i ((sorrir))*
440. P02 é a gente viu
441. M04 é mermo
442. P02 é
443. M02 aí o pade chegou conversando dizeno "onde mora Jandira?" ... "mora lá embaxo"  
444. "aonde é?" mostraro minha casa "ali mora muita gente?"... "mora" aí disse: "tudo é  
445. moreninho ou tudo é branco?" aí disse "tudo moreno" aí po/ ele disse assim: "esses  
446. moreno já esses moreno já casou algum moreno com branca?"...aí o dono da igreja o  
447. rapai o home que mora perto que deu o terreno disse "casou casou uma fia minha por  
448. causa que ela num toma meus conselho nem tem vergonha ... porque negro num  
449. pode casá com branco"... aí Possidônio falou com o pade sem sabê que era pade e  
450. (P01 e P02 sorriem) aí disse \* "casou porque num toma meus conselhos se ela tivesse  
451. vergonha ... não tinha casado com negro... tá veno que eu não gostei"\* ... olha o pade  
452. falô "eu tenho um irmão que é casado com uma negrinha do cabelim enrolado ... cô  
453. num: cô num num num tem essas história de cô"... \*"TEM puque panela procura  
454. seus texto"\* ((sorrir)) eu num esqueci mar nunca... adepoi foi que o padre  
455. conversando aí disse "eu sô o padre" ... sabe onde ele é o pade? de de Itabaiana
456. P02 ele era branco?
457. M02 era e o que vei maisle moreno
458. P02 sim
459. M02 "eu sô o pade de intabaiana vim olhá a igreja ... sabê quem é o padroeiro?" aí o  
460. Possidônio ficou sem graça... viu? aí ele entrô na raça negra e raça branca só sei que  
461. ele NUNca mai falô de nego e ficô sem graça ... tá o que ele disse

Nesse caso, a pesquisadora insere o tópico *discriminação racial* por meio de perguntas fechadas (linhas 434-435, 437). Após afirmar que, às vezes, discutem sobre discriminação racial, M02 passa a narrar uma conversa entre o pai da moça branca e um padre que o visita, sem que aquele saiba que o visitante era sacerdote. Já no início da narrativa, M02 descreve as famílias brancas que moram na parte alta da comunidade, ou seja, na Pedra d'Água branca, como “*uns branco fe:i*”. Nessa pequena expressão, os três itens lexicais revelam uma avaliação negativa dos vizinhos: o emprego do artigo indefinido *uns* demonstra um processo de referenciação do qual se pode inferir certo descaso, ou seja, um menosprezo à família focalizada. O termo *branco* não corrobora com a formação da imagem de uma família X, mas sim com a noção de um grupo de pessoas de cor branca, fato que os distingue dos membros da comunidade. A cor, nesse caso, é tomada como parte de um todo, isto é, o tema-título é representado por uma particularidade do todo, a tonalidade da pele representa o homem. Arelada a essa orientação avaliativa do tema-título, a descritora acrescenta uma qualificação: *fe:i*. A própria seleção do adjetivo já traduz o julgamento negativo da informante, que ganha um reforço com o alongamento da vogal. Intensifica-se, pois, a feiúra dos vizinhos brancos que não aceitam casamentos com os negros da comunidade. O ato de sorrir após a descrição parece exprimir o fim da escala argumentativa existente na descrição: a feiúra se torna uma piada (aliás, como diz Ziraldo: “Na verdade, o humor é uma análise crítica do homem e da vida”).<sup>5</sup>

Os habitantes de Pedra d'Água são seguidores da religião católica, por isso foi construída uma igreja para assisti-los. A idéia do bispo da Paraíba, Dom José Maria Pires, era de que a igreja se localizasse na parte plana e central da comunidade, onde há maior concentração de casas. Porém, uma das famílias brancas do local se posicionou contra e transferiu a construção da igreja para suas terras. Para os moradores de Pedra d'Água, as terras da referida família ainda pertencem à área da comunidade, mas essa assertiva é rejeitada pelos membros da tal família. Na inauguração da igreja, Dom José Maria Pires compareceu e, segundo os depoimentos dos moradores de Pedra d'Água, solicitou que a festa fosse realizada na comunidade negra. Em (09), temos um trecho em que se comenta a visita do bispo à comunidade:

(9)

616. P02 como é o nome do bispo de João Pessoa?  
 617. M02 como é mãe ... Dom Manoé ... Dom José ...  
 618. P02 ah sim ((exclama)) **Dom José Maria Pires**  
 619. M02 é Dom José Maria Pires  
 620. M01 aquele que veio aqui  
 621. M02 o bispo de João Pessoa  
 622. P02 ele já veio aqui?  
 623. M02 ói já almoçou aqui na comunidade negra ... ele só queria comida dos negro ... né? aí só  
 624. sei que Naíde ali ... eu disse Naíde bora botar o almoço ...

<sup>5</sup> Ziraldo, em entrevista publicada na revista *Veja*, de 31.12.1969, apud Soares e Campos (1978, p.159).

continuação

(9)

625. M01 ele vei aqui pá onde tá eu ...
626. M02 ele rezou tanto pra mãe
627. M01 só foi só foi a casa que ele entrô
628. P02 mas menina ele já veio aqui?
629. M02 foi na inauguração da igreja ... aí veio almoçar com os negro ... pediu manguzá ... aí eu  
630. comprei em Campina ... fizemo tanta qualidade de comida ... veio uma moça de fora pra  
631. fazer com a gente mai tudo negra ... ele num queria ninguém branco
632. P02 por quê?
633. M02 num sei ... ele disse que era preto ((risos)) [aí disse que tava na comunidade negra ... e  
634. P02 [ele disse isso foi
635. M02 queria comê na casa dos negro ... mas dero ... fizeram um presente ... umas nêga fez um  
636. presente muito bonito ... uma toalha de labirinto pro altá ... fez aquele negócio que bota  
637. assim na frente uma túnica bem bonita de labirinto
638. P02 deram de presente a ele?
639. M02 tudo de labirinto pra dá pra ele ... gererê ... botemo tanto presente foi uma coisa linda
640. M01 uma estola ...
641. M02 foi ... as nêga fizeram gererê ... otas fizeram panelinha de barro pra levar que ele pediu ... isso  
642. tudo dos nego ... branco nada ... aí fez uma festa
643. P02 ele é negro?
644. M02 é ... *morenã* ... *chega o cabelim é mesmo que espim* ((risos))
645. P02 sim ... e ele ... o que é gererê ... se tava falando em gererê
646. M02 de pescar
647. P02 sim aquele negócio que você falou no início da tarde né ... que tem uma moça que faz  
648. M02 tem um que eu fiz ... mas o meu eu faço de pano ... as menina faz de fio
649. P02 ele só veio aqui uma vez?
650. M02 só vei uma vez ... só uma
651. P02 gostaram dele?
652. M02 ave-maria ah... gostemos demais
653. M01 *tão decente*
654. P02 e é né? ele é moço ainda é?
655. M02 *é moço ainda ... ele é quiném Zito marido de Isaura ... mais veinho pouca coisa ... esse*  
656. *povo assim que num trabaia sempre no só é...às vei é bem veião mas se torna bem*  
657. *novinho...ele vei aqui ele e os **padre da África**...os padre *tão alto no mundo*...na França*
658. P02 alto?
659. M02 sim ... cada um padre
660. M01 *deste tamanho mia fia o pé ((demonstra com as mãos o tamanho dos pés dos padres))*
661. P02 os padre da França?
662. M02 sim ... aí "bem vamo fazer uma ceia na casa de Jandira que a casa é grande" ...

Inicialmente, temos a designação do tema-título – **Dom José Maria Pires** – cujos aspectos descritos se referem:

- a) à profissão: “*o bispo de João Pessoa*” (linha 616);
- b) à cor: “*é ... morenã*” (linha 644);
- c) ao cabelo: “*... chega o cabelim é mesmo que espim ((risos))*” (linha 644);
- d) à conduta: “*tão decente*” (linha 653);
- e) à idade: “*é moço ainda ... ele é quiném Zito ... marido de Isaura ... mais veinho pouca coisa*” (linha 655).

É interessante observar que ao bispo paraibano não é atribuída a qualificação de “negro”, mesmo que a informante se identifique como pertencente ao grupo negro e mencione o fato de o referido bispo desejar fazer as refeições com os negros: “*almoçou aqui na comunidade negra... ele só queria comida dos negro...né?*” (linha 623). Ao responder à P02 se o bispo é negro, M02 o define como “*morenã*” (linhas 644-645). Apesar do emprego do sufixo derivacional de grau aumentativo -*ã*, a seleção desse termo parece traduzir uma avaliação mais neutra do que simplesmente afirmar que o bispo é negro. Mas a própria descritora reforça a negritude ao descrever o cabelo do bispo, relacionando o fio do cabelo com um espinho, ou seja, a imagem construída é que o fio do cabelo é tão duro que chega a espetar: “*chega o cabelim é mesmo que espim*”. Mesmo recorrendo ao sufixo derivacional de diminutivo (im) -*inho* (*cabelim*), não consegue atenuar a associação entre o espinho e o tipo de cabelo. Quanto à idade do bispo, M02 assegura, na linha 655, que ele é moço ainda – *é moço ainda* –, num processo de comparação com outro membro da comunidade – *ele é quiném Zito ... marido de Isaura ... mais veinho pouca coisa* –, mas também ressalta que pode estar enganada, visto que as pessoas que não trabalham expostas ao sol, como os moradores de Pedra d’Água, parecem ser sempre mais jovens: “*esse povo assim que num trabaia sempre no só é... às vei é bem veiã mas se torna bem novinho*” (linha 656).

Outro tema-título surge nessa conversa – os padres da África – e os aspectos focalizados são aqueles que mais chamaram a atenção da informante:

- a) altura: “*os padre tão alto no mundo*” (linha 657);
- b) pé: “*deste tamanho mia fia o pé ((demonstra com as mãos o tamanho dos pés dos padres))*” (linha 660).

Os religiosos foram os visitantes mais comentados nas gravações dos dados, por isso vou finalizar este item sobre moradores e visitantes analisando as descrições sobre os seminaristas ocorridas quando se conversava sobre a ação destes na comunidade. Em (10), podemos observar como duas moradoras falam sobre um seminarista que trabalhou por mais de dois anos na comunidade. Uma das pesquisadoras solicita que falem sobre o Frei Divino, sobre quem ela já ouvira vários comentários. Desenvolve-se, assim, a conversa:

(10)

372. P02 me fala um pouquinho de **Divino**
373. M02 ((rir)) tu já conhece ele?
374. P02 não... ouvi falar dele
375. M04 ouviu falar né?
376. M02 ele se encontrô muito com a gente tem muito encontro muita reunião muitas coisa ele  
377. fez com a gente
378. P02 diz que ele era *muito danado né? assim nas reunião ele...*
379. M02 é hum ((exclama)) *exigente que é medóin* ele passou a semana santa com a gente o ano  
380. passado fazendo com a gente programação da semana santa fumo pra Igreja passamo  
381. até umas 11:30 lá com eles fez muitas coisa bonita pra gente vê
382. P02 ele trabalhou muito tempo com vocês assim mais de um ano?
383. M02 trabalhou mais de ano
384. M04 mais de ano bem dois ano ou mais num foi Moça?
385. M02 foi fazia pastoral aqui depois ele saiu
386. M04 *ele era sem saúde ficou doente também*
387. M02 foi aí ficou Gregório
388. P02 aí agora ele que adoeceu saiu né
389. M02 ele foi embora pra terra dele num foi madrinha
390. M04 foi agora só vem aqui daqui há três ano ou quatro se ficar bom
391. P02 foi? *ele é moço ainda é?*
392. M02 *é mocim ele cumo faz ele como as pessoa da África pretim até a mão dele é preta*
393. P02 *ele é preto é?*
394. M02 *é até a maõzinha roxinha até a língua ((risos))*
395. M04 *mas é um preto estudado um preto né? ele é muito simpático ele uma pessoa muito legal*  
396. *Divino*

Extraindo apenas as seqüências que revelam a descrição do seminarista Divino, podem ser enumerados os seguintes aspectos:

- a) exigente: "diz que ele era *muito danado né? assim nas reunião ele...*" (linha 378); "é hum ((exclama)) *exigente que é medóin*" (linha 379);
- b) saúde: "*ele era sem saúde ficou doente também*" (linha 386);
- c) idade: "*é mocim ele*" (linha 392);
- d) cor: "*cumo faz ele como as pessoa da África pretim*" (linha 392);
- e) mão: "*até a mão dele é preta*", "*é até a maõzinha roxinha*" (linha 392);
- f) língua: "*roxinha até a língua ((risos))*" (linha 392);
- g) grau de instrução: "*mas é um preto estudado um preto né?*" (linha 395);
- h) simpatia: "*ele é muito simpático ele uma pessoa muito legal Divino*" (linhas 395-396).

Duas informantes constroem a imagem do seminarista: uma (M02) aborda aspectos relacionados ao caráter exigente, à idade e à cor, enquanto a outra (M04) aponta traços referentes à saúde, ao grau de instrução e à simpatia. Aparentemente parece haver uma simples distribuição de tarefas entre duas falantes que conheciam a pessoa que era o tema-título da descrição nesse trecho da conversa. No entanto, observando o processo de construção da interação, é possível afirmar que duas imagens distintas foram sugeridas. A imagem produzida por M02 sugere um seminarista *jovem, exigente, negro, tão negro que a mão e a língua eram roxas*. Parece que o destaque dado à negritude do seminarista não agradou a outra informante – M04 – que passa a apresentar argumentos visando mostrar que ele era um *preto diferente*, ou seja, era *estudado, muito simpático e uma pessoa muito legal*. A apresentação do seminarista como um negro parece ter sido considerada por M04 como uma imagem socialmente negativa, daí a necessidade de contrapor a esses traços negativos os valores que o diferenciam dos outros negros numa atitude, que se poderia dizer, de branqueamento.

A conversa continua com a indagação de P02 sobre a cor dos demais seminaristas e M02 afirma, sorrindo, que havia de *todas as cores*. Informação que a outra pesquisadora traduz, também sorrindo, como *verde, amarelo e azul*. Devido à insistência de P02, M02 afirma que eram morenos, com exceção de um deles, que era branco. Observando as linhas 401 a 403 do trecho citado a seguir, é interessante examinar as construções que se referem ao único seminarista branco (*só tinha um branco um tal de: aquele só tinha um que era branco*) e as que se referem aos demais seminaristas negros (*o resto tudo moreninho esse pretinho mermo e os ôto cô-de-canela*). A expressão “*um tal de:*” carrega certa indiferença e menosprezo. O alongamento da vogal intensifica esses aspectos. Por outro lado, “*moreninho*” e “*pretinho*” são expressões que traduzem afeto, simpatia, enquanto a atribuição “*cor de canela*” a alguém significa não o incluir entre os negros.

(11)

397. P02 e os **outros seminaristas** são pretos ou são brancos?  
 398. M02 *tem de todas as cores ((nem))*  
 399. P01 *verde amarelo azul ((triem))*  
 400. P02 *mas dos que vem mais praqui dos que vem trabalhar com vocês ?*  
 401. M02 *são moreno só tinha um branco um tal de: aquele só tinha um que era branco mai o*  
 402. *resto tudo moreninho... esse pretinho mermo e os ôto cô-de-canela e tinha um branco*  
 403. **Orlando** *era branco*

Para finalizar, conforme se observou no decorrer das análises realizadas, a caracterização de espaço (mapas da área da comunidade e dos lotes familiares) e a caracterização das casas (condições de moradia) se realizaram por meio, basicamente, dos procedimentos de ancoragem e de aspectualização, ao passo que a caracterização de pessoas foi favorecida pelo procedimento da aspectualização e de estabelecimento das relações. Verifica-se, portanto, que o ato de descrever traz imbricada a natureza argumentativa inerente à linguagem humana. Um dos procedimentos do ato de descrever, isto é, a aspectualização, revela na escolha das partes e das propriedades descritas,

nas escolhas lexicais, a orientação avaliativa empreendida pelo descritor. Procurei salientar não o preconceito incontestavelmente sofrido por eles, mas um aspecto que me chamou bastante a atenção: ao descreverem outros negros e ao descreverem os vizinhos brancos, os informantes apresentavam marcas discursivas reveladoras de preconceito, como se verificou nos exemplos (03), (04) e (05). Termos como “*moreninho*”, “*pretinho*”, “*cor-de-canela*” traduzem afeto, carinho, simpatia e até exclusão da raça negra. Por outro lado, expressões como “*uns branco fe:1*” ou “*um tal de:*” estão carregadas de menosprezo, apatia, depreciando assim o ser descrito, enquanto expressões como “*morenã*”, “*cabelim é mesmo que espim*”, “*até a mãozinha roxinha*”, “*roxinha até a língua*” empregadas em relação ao indivíduo negro *de fora* da comunidade, ao mesmo tempo em que assinalam traços da raça negra, procuram também amenizar a negritude através de recursos morfológicos da língua. A escolha lexical e morfológica dos falantes revela, portanto, seus objetivos com a descrição, suas crenças e sua consciência do papel dos interlocutores.

Retomando as noções de que imagens são construtos particulares de modelos cognitivos estruturados pela cultura e de que a linguagem é simbólica, é possível afirmar que as construções linguísticas repercutem as estruturas conceptuais que são ativadas concomitantemente em dimensões variadas. O conhecimento linguístico, nos níveis gramatical, lexical e fonológico, deixa transparecer as influências culturais e expressa a visão de mundo do usuário. Na construção do texto descritivo, a escolha lexical e morfológica constitui um aspecto basilar na construção de imagens, visto que a competição de competências, defendida por Adam e Petitjean (1982a), pode ativar (ou quase sempre ativa) acervos lexicais distintos. Além de falante e ouvinte possuírem acervos diferentes, as construções linguísticas empregadas para realizar a descrição podem não representar a essência do objeto descrito. As situações comunicativas centradas na descrição buscavam a construção de aspectos relevantes para a comunidade de Pedra d’Água, tais como mapear a terra e demonstrar as condições de moradia. No processamento das descrições foi se evidenciando a importância do conhecimento enciclopédico como fator preponderante para a construção das imagens. Na construção dos mapas, por exemplo, nem sempre os informantes “balanceavam” com adequação o que precisava ser explicitado (KOCH, 1997) não permitindo que os *de fora* da comunidade recuperassem pela inferência as marcas divisórias. Seria injustiça de minha parte não considerar o empenho que os informantes sempre demonstravam em explicitar as informações, porém, às vezes, esforço não é sinônimo de sucesso. Num trecho extremamente longo, no qual H05 apresentava as linhas divisórias do lote de terra da sua família, mediante a não-compreensão de P01, ele severamente discorda da conclusão a que P01 havia chegado e muda de tópico, encerrando o assunto:

- |      |     |   |
|------|-----|---|
| 637. | P01 | <i>então eu posso dizê que a linha é esse caminho? [não?</i>  |
| 638. | H05 | <i>é por/ NÃO assim oxente</i>                                |
| 639. |     | <i>fica meu pá cá ainda</i>                                   |
| 640. | P01 | <i>ah: assim eu tô dando sua terra pros outros ((sorrir))</i> |
| 641. | H05 | <i>é ... é ((sorrir))</i>                                     |
| 642. | P01 | <i>então vem por onde? aqui por esse baxio é?</i>             |
| 643. | H05 | <i>vocês querem i lá em: Maria agora qué?</i>                 |

As imagens, como aqui estão sendo concebidas, são captadas por todos os sentidos, visualizadas pelos olhos da mente, estruturadas a partir de nossos conhecimentos lingüístico, enciclopédico e interacional e tão ricas e complexas quanto a nossa visão de mundo.

DIONISIO, A. P. Orality images. *Alfa*, São Paulo, v.46, p.71-93, 2002.

- **ABSTRACT:** *This paper analyzes the construction of images in descriptive sequences produced by illiterate speakers in spontaneous face to face interactions. Based on Palmer's (1996) conception of image and Adam's (1993) conception of descriptive sequences, it investigates how linguistic constructions evoke mental images and how speakers translate these images through their lexical choices. In descriptive texts, lexical choice is a basic aspect of image building. The analysis shows that the linguistic constructions reflect the conceptual structures that are activated concomitantly in various dimensions; linguistic knowledge at the grammatical, lexical and phonological levels reveal the cultural influences and expresses the users' world views.*
- **KEYWORDS:** *Orality; images; description.*

## Referências bibliográficas

- ADAM, J. M. *Éléments de linguistique textuelle: théorie et pratique de l'analyse textuelle*. Liège: Mardaga, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Les textes: types et prototypes: récit, description, argumentation et dialogue*. Paris: Nathan, 1993.
- ADAM, J. M.; PETITJEAN. Introduction au type descriptif. *Pratiques*, Paris, n.34, p.77-92, 1982a.
- \_\_\_\_\_. Les enjeux textuels de la description. *Pratiques*, Paris, n.34, p.93-117, 1982b.
- ALMEIDA, A. Terras de preto, terras de santo, terras de índio: posse comunal e conflito. *Humanidades*, Rio de Janeiro, v.15, p.42-8, 1988.
- AZEVEDO, E. *Raça: conceito e preconceito*. São Paulo: Ática, 1987.
- BOHM, D. *On dialogue*. London: Routledge, 1996.
- DIONISIO, A. P. *A interação em narrativas orais*. 1992. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Imagens na oralidade*. 1998. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1998.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- HAMON, P. *Introduction à l'analyse du descriptif*. Paris: Hachette, 1981.
- KELLER, M. C.; KELLER, J. D. Imaging in iron, or thought is not inner speech. In: GUMPERZ, Z, J.; LEVINSON, N. S. (Orgs.) *Rethinking linguistic relativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p.115-29.

- KOCH, I. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.
- KOCH, I.; FÁVERO, L. Contribuição a uma tipologia textual. *Letras & Letras*, Belo Horizonte, n.3, p.3-10, 1987.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Sistema mínimo de notações reelaborado para as transcrições do projeto sobre a hesitação na língua falada*. Recife, 1993. Mimeografado.
- \_\_\_\_\_. *Por uma proposta para a classificação dos gêneros textuais*. Recife, 1997. Mimeografado.
- MARQUESI, S. *A organização do texto descritivo em língua portuguesa*. São Paulo: Vozes, 1996.
- NEIS, I. A. Elemento de tipologia do texto descritivo. In: FÁVERO, L. L.; PASCHOAL, E. M. S. Z. (Orgs.) *Linguística textual: texto e leitura*. Campinas: PUC, 1986. p.47-63. (Cadernos PUC, 2).
- PALMER, G. B. *Toward a theory of cultural linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1996.
- PERINI, M. A leitura funcional e a dupla função do texto didático. In: ZILBERMAN, R., SILVA, E. T. da. (Orgs.) *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1991. p.78-86.
- SOARES, M.; CAMPOS, E. *Técnicas de redação*. São Paulo: Ao Livro Técnico, 1978.
- TANNEN, D. The orality of literature and the literacy of conversation. In: TANNEN, D.; LANGER, J. *Language, literacy and culture: issues of Society and Schooling*. Norwood: Ablex, 1987. p.67-88.